



A representação municipal do Gaúcho de Passo Fundo

João Vicente Ribas*

Resumo: A representação do município de Passo Fundo através de uma identidade gauchesca é um fenômeno oriundo do século XX. O primeiro Centro de Tradições Gaúchas (CTG) instalou-se em 1952 na cidade e trouxe diversas outras manifestações de pretensão hegemônica, apesar da cultura cabocla local. Uma das maiores contribuições para a construção deste imaginário deu-se com o longa-metragem *Gaúcho de Passo Fundo*, produzido e estrelado pelo cantor Teixeira. Entendendo o processo de produção deste feito icônico, pode-se ilustrar uma prática recorrente até o século seguinte, em que poder público e mídia utilizam e postulam o gauchismo como a representação legítima de uma cidade situada no norte do Estado do Rio Grande do Sul, onde não viveu o tipo sociocultural do gaúcho, registrado por pesquisadores na região do Pampa, ao sul. Esteticamente, nota-se a bricolagem que sustenta o enredo do filme de Teixeira e se estende a monumentos nas praças da cidade, rodeios, festivais de folclore e projetos de promoção do turismo, em nome de um gauchismo inventado e sem sustentação histórico-cultural. Do ponto de vista da gestão dos recursos públicos destinados à cultura, Teixeira foi pioneiro na aprovação de aportes financeiros justificados nesta identidade construída, legitimando o discurso que cola o gauchismo à representação do município de Passo Fundo.

Palavras-Chave: Representação - imaginário - Teixeira - Passo Fundo - western

Abstract: La representación de la ciudad de Passo Fundo a través de una identidad gaucha es un fenómeno del siglo XX. El primer Centro de Tradiciones Gauchas (CTG) se instaló en 1952 en la ciudad y trajo varias otras manifestaciones de pretensiones hegemónicas, a pesar de la cultura local se caracteriza por el tipo caboclo. Una de las mayores contribuciones a la construcción de este imaginario fue la película "Gaúcho de Passo Fundo", producido y protagonizado por el cantante Teixeira. Entender el proceso de producción de este emblemático hecho, podemos ilustrar una práctica recurrente en el próximo siglo, en el que el gobierno y los medios de comunicación siguen utilizando el gaucho como representación

* Mestre em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Contato: pampurbana@gmail.com.



legítima de una ciudad situada en el norte del estado de Rio Grande do Sul, donde hay vivido el tipo gaucho, pero en la región de la Pampa, sur. Estéticamente, hay un bricolaje que sustenta el argumento de la película producida por Teixeira, y se extiende a los monumentos en las plazas, rodeos, festivales folclóricos y proyectos que promueven el turismo en nombre de un gauchismo inventado y sin fundamento histórico cultural. Desde el punto de vista de la gestión de los recursos públicos destinados a la cultura, Teixeira fue pionero en la adopción de las contribuciones financieras motivadas por una identidad que se construye, legitimando el discurso que vincula el gaucho a la representación de la ciudad de Passo Fundo.

Keywords: Representación - imaginario - Teixeira - Passo Fundo - western

Um homem montado a cavalo tangendo rebanhos, semibárbaro, com pouco verniz no trato social, macho, heróico, tenaz, bravo, que sabe usar armas, indisciplinado, pronto para suportar o sofrimento, e que adquiriu um status de nobre selvagem. Esta descrição serve muito bem ao mito do gaúcho. Mas é literalmente a caracterização que o historiador Eric Hobsbawm (2013) fez do mito do caubói norte-americano, exaltando similitudes com suas versões internacionais, a exemplo dos *cossacos* das estepes do sudeste europeu, e dos *gauchos* das planícies do Cone Sul da América Latina.

Hobsbawm é autor do clássico *A Invenção das Tradições* (1997), importante estudo para entendermos aspectos do tradicionalismo sul-rio-grandense¹. No ensaio publicado no Brasil após sua morte, recupera a invenção da tradição do caubói americano, criado na cultura de massas, principalmente a literatura, o cinema e a publicidade. Para o historiador, o mito *western* foi ampliado e internacionalizado por meio da influência global da cultura popular norte-americana e dos veículos de comunicação de massa. E novamente oferece subsídios

¹ Para Hobsbawm, o conjunto de práticas de natureza ritual ou simbólica que visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, que estabelecem continuidade com um passado histórico apropriado, configura “tradição inventada” (1997, p.15). No caso do Rio Grande do Sul, o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) é o principal agente responsável pela invenção, consolidação e perpetuação da “tradição gaúcha”. Baseia sua construção cultural em uma versão da história, centrada na luta armada da Revolução Farroupilha (1835-1845), entendida como uma revolta do Estado contra o governo central brasileiro. Essa instrumentalização da história povoa o imaginário. São contribuintes para essa realização imagética ações governamentais, como é o caso da bandeira estadual, que leva a República proclamada na Revolução Farroupilha representada, mantendo o episódio na memória coletiva.



para a compreensão do gauchismo², principalmente quando analisamos a influência do músico e cineasta Teixeira na construção do imaginário gauchesco na cidade de Passo Fundo, ao norte do Estado do Rio Grande do Sul.

No imaginário cultural da cidade flutua a ideia de que Passo Fundo é muito conhecida no Brasil e no mundo por ser Terra de Teixeira. E esta associação carrega ainda um sentido tradicionalista. Em texto publicado em 2005 na revista da Academia Passofundense de Letras, o escritor Welci Nascimento afirma que Passo Fundo foi, para o artista, “a sua amada terra, a terra do coração”. Seu reconhecimento pela cidade, segundo o membro da academia, foi expresso pelas canções como *Gaúcho de Passo Fundo*, que foi ouvida, e ainda é, no Brasil inteiro.

Em qualquer lugar que a gente chegasse, fora do Rio Grande do Sul, se perguntassem de onde era, quando respondíamos que éramos morador de Passo Fundo, a reação logo vinha: ‘terra do Teixeira’. ‘Gaúcho de Passo Fundo’ é verdadeiro hino à cidade, composto por seu mais ilustre filho adotivo. Sempre que podia, em pleno sucesso, retornava a sua terra para rever amigos tradicionalistas. (ÁGUA DA FONTE, jul. 2005, p. 55)

Welci Nascimento escreveu ainda que “o filho ilustre sabia, como ninguém, expressar os sentimentos dos tradicionalistas, dos motoristas, dos colonos, enfim, do povo brasileiro”. “Graças a Teixeira, Passo Fundo é conhecido no Brasil, e dizem que até no mundo inteiro” (Ibid., p. 55).

Vitor Mateus Teixeira nasceu em 03 de março de 1927 na cidade de Rolante (RS). Como cantor e compositor, gravou 69 LPs (discos long-plays), vendendo mais de 18 milhões de cópias. Como cineasta, produziu e protagonizou 12 filmes. Um deles foi *Gaúcho de Passo Fundo* (1978), após gravar a música de mesmo título em 1961 e o LP *Saudades de Passo Fundo*, dois anos depois.

No enredo do filme longa-metragem supracitado, Teixeira interpreta a si mesmo. Na primeira cena chega à cidade de Passo Fundo de carro, com um adesivo traseiro escrito

2 Gauchismo é um termo mais abrangente que se refere ao “tradicionalismo” e ao regionalismo no Rio Grande do Sul, que se identifica com o gaúcho. O “tradicionalismo” reúne as práticas institucionalizadas pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG). Fundado em 1966, originou-se nas iniciativas de um grupo de estudantes secundaristas em Porto Alegre, como Paixão Côrtes, que desde 1947 atuavam em busca de uma unificação representativo-simbólica de regionalismo. A instituição normatiza uma pretensa tradição gaúcha, baseada em um tipo social característico da região da campanha, pecuarista, portanto associado ao meio rural, ou “campeiro”, tomando como lugar ideal a estância e a hierarquia social do mundo latifundiário. É contribuinte também do gauchismo o movimento Nativista, que na década de 1980 proliferou o *ethos* gauchesco como tendência, principalmente na música e na publicidade.



“Passo Fundo, Che”. Em parada na entrada do município, um ônibus estaciona ao seu lado, com viajantes paulistas que perguntam se ele é gaúcho. Teixeira afirma que no outro dia, na feira, iria responder.

Após a prometida feira crioula, em que o astro sobe ao palco para cantar sua composição *Gaúcho de Passo Fundo*, em meio a apresentações de invernadas artísticas de Centros de Tradições Gaúchas (CTGs), o filme segue durante mais de duas horas pondo em cena personagens estereotipados, vestindo pilchas e falantes de expressões gauchescas. De acordo com a pesquisadora Miriam de Souza Rossini (1996), a preocupação em mostrar “hábitos campestres” é uma constante nos filmes de Teixeira, mesmo que não tenham relação alguma com a trama. De fato, o romance que domina o enredo entre o protagonista e Mary Terezinha, acordeonista parceira de Teixeira na vida real, nada tem de relação com alguma suposta tradição gaúcha. É típico, sim, de filmes de faroeste, pois o “mocinho” defende a “mocinha” de bandidos que matam sua família e ateião fogo à sua casa. O herói ainda tira uma bala de revólver do ombro dela na ponta da faca, encarna o pistoleiro, sai atrás dos mal-feitores e faz justiça com as próprias mãos, ou o próprio revólver.

Aqui podemos voltar ao ensaio de Hobsbawm sobre o caubói, pois o historiador acredita que o mito macho e heróico é gerado com facilidade em populações com origem no andar a cavalo. Também afirma que os *gauchos*, referindo-se de forma abrangente ao tipo social sem fronteiras da região do Prata, são “estritamente análogos aos caubóis”. E que o *western*, após estabelecer-se como gênero cinematográfico, no início do século XX, a partir dos anos 1960 dominou a publicidade e passou a ser menos associado ao peão que toca a boiada e mais ao pistoleiro. Seu texto ainda infere que os cavaleiros do faroeste inspiram escritores e produtores de cinema em todo o mundo. Portanto, é irresistível crer que Teixeira reproduziu o gênero *western* na película em análise.

Mas aqui começa uma contradição. Pois o tipo social do gaúcho não habitou a região do Planalto Médio, ao norte do Estado. Nessa visão, a presença do gaúcho no município de Passo Fundo ocorre apenas em um processo histórico-cultural no século XX, calcado no mito imagético e promovido em iniciativas político-cultural-midiáticas, conforme pude demonstrar em pesquisa de mestrado na Universidade de Passo Fundo (2008).

Os elementos históricos fundantes da região incluem indígenas kaingang e caboclos (GOLIN, 2007, p.04). Sobre a ocupação do espaço de Passo Fundo, escreveu-se que os



pioneiros da região eram, em sua maior parte, paulistas da comarca de Curitiba. A partir de 1834, à população acresceram-se imigrantes portugueses, alemães, austríacos, italianos e de outras nacionalidades (TEDESCO; SANDER, 2002, p. 83). Já o processo de desenvolvimento socioeconômico de Passo Fundo no século XX deu-se através da extração de madeira, do comércio e da agricultura intensiva, favorecidos pela ferrovia.

Nesse quadro histórico-social-econômico, “não-gauchesco”, passaram a surgir, a partir de 1952, manifestações culturais ligadas ao “tradicionalismo” gaúcho, quando fundado o primeiro CTG, Lalau Miranda. O arsenal discursivo da imagem do gaúcho como identidade se especializou por etapas. Até 1950, o livro foi o lugar de proeminência do gauchismo. A partir de 1960, o rádio começou a ganhar status de grande mídia e, em Passo Fundo, carregando consigo uma vontade de artistas e comunicadores de se representarem como gaúchos nesse meio. Em 1970, o cinema foi o mais atrativo meio de comunicação de massa. Nessa década, Teixeira foi a grande estrela das telas, filmando a cidade de Passo Fundo e a associando ao gauchismo.

A televisão surgiria na região apenas na década de 1980, ganhando força em 1990, em Passo Fundo, com a entrada definitiva da emissora RBS TV, influenciando os comportamentos como uma sociedade de massa, na qual o município está inserido, em que a festa e a ritualização se manifestam através da imagem e do espetáculo (DEBORD, 1997). Grande parte dos eventos gauchescos de Passo Fundo foi criada na década de 1990, como a Mostra da Cultura Gaúcha e o Festival de Folclore.

Para se enxergar claramente a diferença entre a representação político-cultural discursiva do município em cada época, basta a comparação entre dois anúncios da prefeitura. O primeiro na ocasião do centenário do município, o segundo um ano antes do sesquicentenário. A publicidade evidencia o quanto a lógica gauchesca está impregnada no imaginário como forma de representação cultural. Em página inteira do jornal O Nacional em 2006, a frase “parabéns povo passo-fundense, o povo mais gaúcho do Rio Grande do Sul” (20 set. 2006, p. 8), é ilustrada com uma mão empunhando uma cuia de chimarrão em uma fotografia à contra-luz. O anúncio ainda possui alguns versos alusivos à cuia, como maior símbolo local, associada à união, à hospitalidade e ao “povo gaúcho”.

Comparando esta saudação do poder municipal um ano antes dos 150 anos de emancipação com o publicado em 07 de agosto de 1957, no centenário de Passo Fundo, nota-



se a ausência de elementos gauchescos no discurso sobre a cidade, o que comprova a tese que o gauchismo passo-fundense foi inventado em um processo a partir de 1952, mas se fortaleceu apenas no final do século XX.

No centenário, a prefeitura municipal publicou no jornal Diário da Manhã uma mensagem na capa, ao lado de saudações da Câmara de Vereadores e do Governo Estadual. Assinado pelo prefeito Wolmar Salton, o texto contém a expressão “Terra do patriarca Joaquim Fagundes dos Reis”, um dos notáveis na história do município. Nota-se que não era “Terra de Teixeira”, nem “A mais gaúcha cidade do Rio Grande do Sul”, slogans que vieram a ser utilizados depois. As outras mensagens citadas seguem o mesmo estilo, parabenizando a população de Passo Fundo e desejando prosperidade, bem como nas outras páginas do jornal, onde foram publicadas saudações de municípios vizinhos e empresas da região. Até mesmo a Churrascaria Gaúcha publicou anúncio afirmando: “Quando da ocasião dos festejos do 1º Centenário desta Progressista Terra de Fagundes dos Reis, saúda suas Autoridades e seu distinto Povo” (DIÁRIO DA MANHÃ, 7/8/1957, p. 7). Ou seja, nem mesmo a churrascaria insistia na identidade gauchesca naquela época.

Para entender a contradição entre a história cultural de Passo Fundo e sua representação contemporânea, voltamos ao caubói de Hobsbawm. Para ele, há diferenças entre o mito norte-americano e os derivados. Por exemplo, nos EUA os “caubóis não tiveram nenhum significado político na história” do país. Por isso as cidades que aparecem no mito do faroeste não são cidades reais ou mesmo capitais de estado, mas buracos num cafundó qualquer. Já em outros países, os cavaleiros selvagens teriam sido elementos cruciais, como no Uruguai, formado como país por uma revolução de caubóis sob comando de Artigas. Aqui no Rio Grande do Sul, há uma formulação historiográfica que valoriza também a associação de gaúchos marginais às tropas combatentes na Revolução Farroupilha, e que predomina no discurso gauchesco. Passo Fundo estaria no meio dos dois exemplos, pois conforme o modelo norte-americano, não há significado algum do gaúcho em sua história. Ao mesmo tempo, seu imaginário sofre a influência direta por meio institucional e midiático do gauchismo como fenômeno estadual, que baseia a identificação em aspectos da Revolução Farroupilha.

Isto acontece por causa da flexibilidade ideológica e política inerente às tradições inventadas. São inteiramente simbólicas, “na medida em que generaliza a experiência de um comparativo punhado de pessoas marginais” (HOBSBAWM, 2013, p. 321). Vale destacar que



no faroeste havia dois protagonistas originais, o caçador e o índio. O caubói era apenas um coadjuvante, assim como o soldado, ou o mineiro, que foi alçado à unificação identitária.

Conforme estudo do antropólogo Ruben George Oliven, na construção social da identidade do gaúcho brasileiro há uma referência constante a elementos que evocam um passado glorioso no qual se forjou sua figura. Esta figura do gaúcho sofreu um longo processo de elaboração cultural até ter o atual significado gentílico de habitante do Estado e servir de identidade regional. O vocábulo tinha conotação pejorativa até meados do século XIX, quando ocorreu a ressemantização do termo, através do qual “um tipo social que era considerado desviante e marginal foi apropriado, reelaborado e adquiriu um novo significado positivo, sendo transformado em símbolo de identidade regional” (2006, p. 66).

O gauchismo é uma representação contemporânea, postulada a cultura oficial do Estado do Rio Grande do Sul e, em Passo Fundo, reproduzida extensivamente com o mesmo objetivo, dentro de sua municipalidade. Vale-se aqui do conceito do francês Roger Chartier, para quem as representações são “matrizes de discursos e de práticas diferenciadas [...] que têm por objetivo a construção do mundo social, e como tal a definição contraditória das identidades – tanto a dos outros como a sua” (1988, p. 18).

Tomando como fontes primárias projetos de lei da câmara municipal sobre eventos de cunho gauchesco, pode-se entender melhor este processo. O imaginário gauchesco se tornaria dominante no final do século XX, em Passo Fundo, pela ação de indivíduos empenhados neste papel, em espaços construídos, posteriormente legitimados e, conseqüentemente, consagrados (BOURDIEU, 1998). O professor Welci Nascimento, já citado neste artigo, é um bom exemplo. Colabora para legitimar ainda seu discurso o fato de pertencer à academia de letras, uma instância de consagração.

Além da imprensa, nota-se a predominância de um discurso sobre “valorizar as raízes do nosso povo” e “divulgar o nome da cidade”, principalmente em justificativas de projetos de lei que aportavam recursos em prol de eventos gauchescos, tais como a Mostra da Cultura Gaúcha, um desfile tipo carnavalesco em que CTGs competem pelas melhores alegorias, criadas a partir de referências e normas tradicionalistas.

Na década de 1980, a Câmara da Indústria, Comércio, Agropecuária e Serviços de Passo Fundo (CICASP) propôs o projeto turístico “Passo Fundo, Tchê! A mais gaúcha cidade do Rio Grande do Sul”, oficializado pela Câmara de Vereadores, na Lei nº 57/80. O objetivo



era desenvolver a economia através do turismo. O que atrairia turistas para a cidade seriam ações voltadas ao gauchismo, tais como eventos temáticos e serviços especializados. Naquele ano, Passo Fundo tinha sete CTGs, mas não promovia festival de música nativista, o que já era comum em algumas cidades do Estado. Tampouco tinha recursos e estrutura pré-existentes no âmbito econômico e social, no sentido de transformar a cidade em pólo turístico. Assim, o projeto baseia-se principalmente em um aspecto cultural-imagético. Pretendia-se criar um ambiente artificial.

A partir de 1992, de dois em dois anos, começou-se a produzir o Festival Internacional de Folclore de Passo Fundo. Trata-se de um espetáculo, montado com palco, luzes e sonorização, onde grupos de “folclore” de diversos países se apresentam dançando. Representando Passo Fundo e o Rio Grande do Sul, dominam grupos tradicionalistas. O tradicionalismo tomado como folclore, no entanto, é criticado por Tau Golin. O autor escreveu que tradicionalismo não é folclore, sequer tradição. “É tão somente um movimento sociocultural associativo, que instrumentaliza elementos do folclore, da tradição, do regionalismo e dos hábitos e costumes” (2004, p. 33). Para o historiador, um fato só é folclórico quando manifestado pelo grupo social que o mantém. Quando retirado do seu espaço social, deixa de ser folclore. Assim, a representação feita no Festival seria uma manifestação artística de inspiração folclórica.

Desde a primeira edição, a administração municipal aportou recursos para sua produção. Como forma de facilitar o trâmite de liberação de verbas públicas, o Festival foi oficializado através da lei municipal n.º 3.235, de 04 de setembro de 1997. Na justificativa do projeto de lei, os organizadores afirmavam que o evento estava em uma amplitude crescente, “projetando Passo Fundo (seu folclore e suas artes tradicionais) em âmbito nacional e internacional”.

Iniciativa similar foi empenhada no mesmo ano em projeto de lei que oficializou a Mostra da Cultura Gaúcha (nº 112/97). A justificativa do projeto reafirma as intenções turísticas do projeto “Passo Fundo Tchê, a Mais Gaúcha Cidade do Rio Grande do Sul”, “tendo em vista a importância deste evento para o fortalecimento de Passo Fundo como um pólo disseminador da cultura e tradições do Rio Grande”.

Esta prática recorrente de aportes financeiros a eventos gauchescos se acentuou na década de 1990 e continua até hoje. O importante aqui neste artigo é observar que o pioneiro



foi Teixeira, ao captar verbas públicas para um empreendimento privado com fins lucrativos, que foi o filme *Gaúcho de Passo Fundo*. No início de 1978, o executivo municipal abriu crédito especial no valor de Cr\$ 250 mil, para subvenção a favor de Teixeira Produções Artísticas Ltda. Em carta à câmara, constituinte do processo do projeto de lei, o prefeito Wolmar Salton, escreveu que o filme obteria com certeza um “estrondoso” sucesso de bilheteria e, assim, levaria “a todos os rincões da Pátria brasileira a imagem e o destaque que efetivamente a cidade de Passo Fundo merece” (Projeto de Lei nº 03/78, de 07 de março de 1978, p. 5).

Em ofício encaminhado à câmara, Teixeira escreveu que o filme iria mostrar ao Brasil “um pouco do passado e do presente dessa cidade da qual se orgulhava de ser “Cidadão Honorário”. Naquele ano, o cantor já residia em Porto Alegre e reiterou que “sabem todos que minha admiração e meu amor por Passo Fundo já ultrapassou as fronteiras do nosso País, pois tendo cantado bem alto este sentimento em muitas das minhas canções”. E segue sua carta evocando o nome da cidade como “minha cidade”. Seu intuito com o filme seria “mostrar as grandezas dessa terra”.

Em papel timbrado pela Teixeira Produções, consta um “Estudo para produção de filme no interior”, onde se prevê a formação de uma comissão por representantes dos poderes executivo e legislativo, encarregada de controlar o fornecimento de alimentação, transporte, energia elétrica e hospedagem da equipe de produção do filme. Em Passo Fundo, o estudo solicitou três mil litros de gasolina, refeição durante 45 dias para 30 pessoas (em alguns dias 200 a 300 figurantes), um caminhão de carga, uma kombi com motoristas, uma cabeleireira, três operários braçais, uma cozinheira, uma manicure e 160 passagens de ônibus (Porto Alegre – Passo Fundo). As despesas com equipamento, edição e finalização do filme ficariam a cargo da Teixeira Produções, sendo realizadas em São Paulo e somando mais de Cr\$ 1 milhão.

As primeiras instâncias que avaliaram o projeto na Câmara de Vereadores o aprovaram. Mas o vereador José Mário Cruz (Vice-líder da ARENA), sugeriu uma emenda, que condicionava as despesas de produção, listadas por Teixeira, ao valor subvencionado pelo poder executivo. O vereador escreveu na justificativa da emenda que aquela era a primeira vez que o município pretendia dar tal tipo de subvenção econômica a uma empresa privada. Em outras oportunidades, segundo Cruz, teriam sido concedidas apenas subvenções,



mas de caráter social, a entidades e instituições, sem produzir lucros pessoais. “Assim, este caso é diferente, eis que o filme produzirá certamente polpidos lucros para Teixeira”. Cabe observar que, em 1978, não existia nenhum dos eventos gauchescos que dominariam a agenda cultural da cidade, como o Rodeio Internacional e o Festival de Folclore, e obteriam recursos públicos para produção.

Pode-se notar, além do poder público, a participação da imprensa como apoiadora da filmagem. No texto que justifica a emenda, o vereador relatou que a imprensa estava noticiando que a prefeitura, antes mesmo de estar autorizada, já vinha realizando trabalhos em favor da produtora de Teixeira, e o próprio cantor agradecia publicamente a grande colaboração que estava recebendo da municipalidade. Assim, Cruz indagou se a prefeitura iria auxiliar o cantor com os Cr\$ 250 mil e mais toda a lista que ele fizera, de máquinas, combustível, empregados, serviços de hospedagem, etc., ou iria conceder apenas o auxílio em espécie, “auxílio já avultado face aos enormes compromissos do Município”.

O projeto foi aprovado com a emenda. Em março de 1978, a vereadora Heloisa Almeida entrou com uma indicação, em apelo à Teixeira Produções, para efetuar auxílio a entidades assistenciais da cidade com uma parcela da verba adquirida através das exibições do filme *Gaúcho de Passo Fundo* (INDICAÇÃO Nº 18/78).

Importante destacar aqui os dados revelados por Israel Lopes no livro “Teixeirinha: o gaúcho coração do Rio Grande”, sobre a bilheteria dos filmes do seu ídolo (2007, p. 69-71). A película *Gaúcho de Passo Fundo* teria rendido, só na cidade-título, mais de Cr\$ 500 mil, o que demonstra que essa produção cinematográfica foi lucrativa nas bilheterias.

Este envolvimento de recursos públicos rendeu algumas cenas no roteiro do filme. Ao final do romance e do banguê-banguê, foi inserida encenação da sessão solene na Câmara Municipal de Vereadores, com presença do prefeito Wolmar Salton, em que entregam a Teixeira o título de Cidadão Passo Fundense. Justifica-se que foi concedido por unanimidade, por ele ter iniciado carreira na cidade e ter alcançado sucesso nacional e internacionalmente. E o discurso do prefeito:

Não esqueceu de junto projetar o nome desta cidade que ele adotou como sua, com uma única música. Gaúcho de Passo Fundo levou o nome da nossa terra para além das fronteiras brasileiras. Através de 9 milhões de cópias do disco e apresentações ao vivo na Europa, Estados Unidos e Canadá. (FILME GAÚCHO DE PASSO FUNDO, 1978)



A seguir, o mocinho Teixeira se casa com a mocinha no CTG Osório Porto, conforme o protagonista: “um casamento crioulo autêntico”. Durante a cerimônia estão todos pilchados e o linguajar é estereotipado, do padre e dos noivos. Ao final, os homens sacam seus revólveres da cintura e atiram para cima. Saem em cortejo, desfilando pela Avenida Brasil, a principal da cidade. Na frente, o casal num carro conversível. Teixeira entrega uma bandeira do Rio Grande do Sul ao prefeito, que em troca lhe concede a chave da cidade. Grande público aplaude. Muitos cavalarianos acompanham.

Após esta grande produção cinematográfica e sua morte, Teixeira recebeu um monumento instalado no centro da cidade, que foi transformado em ícone municipal. No pensamento de Nestor Garcia Canclini, “os monumentos são quase sempre as obras com que o poder político consagra as pessoas e os acontecimentos” com preocupações fundantes (2000, p. 302). No caso de Passo Fundo, o artista se tornou um dos fundadores da sua identidade. De acordo com o discurso político-cultural, por ter divulgado o nome do município para o Brasil e outros países. Este discurso aparece novamente na justificativa do projeto de lei nº 084/88, de 15 de dezembro de 1988, que autorizou a construção de monumento ao artista. No texto do ofício, o autor escreveu que Teixeira era “homem de brio e de coragem, gaúcho por natureza e passo-fundense de coração” (p. 4).

O projeto foi aprovado por unanimidade, encaminhado ao prefeito Municipal Airton Dipp, que promulgou a lei. Em junho de 1990, o poder executivo encaminhou novo projeto (nº 049/90), que o autorizava abrir crédito especial no valor de Cr\$ 1 milhão de cruzeiros, para a construção do monumento a Teixeira e conclusão do Monumento ao Ferroviário no Parque da Gare. Ambos haviam sido aprovados na Câmara, mas necessitavam de verbas para suas concretizações.

Para refletir sobre esse processo político-cultural, o mexicano Garcia Canclini auxilia com sua teorização sobre a expansão urbana, como uma das causas que intensificaram uma hibridação cultural nos países latino-americanos. Há uma oferta simbólica heterogênea, renovada por uma constante interação do local com redes nacionais e transnacionais de comunicação. Assim, “o uso massivo da cidade para a teatralização política se reduz; as medidas econômicas e os pedidos de colaboração ao povo são anunciados pela televisão” (2000, p. 287). O autor acredita que a “cultura urbana” é reestruturada ao ceder o protagonismo do espaço público às tecnologias eletrônicas. Mas não é um processo de



sucessão, apenas de predominância e também concomitância, pois “a publicidade comercial e os lemas políticos que vemos na televisão são os que reencontramos nas ruas, e vice-versa: umas ressoam nas outras” (Ibid., p. 290). Pode-se concluir com Garcia Canclini que a essa circularidade do comunicacional e do urbano subordinam-se os testemunhos da história, o sentido público construído em experiências de longa duração. Assim, o ícone Teixeira, como fator de publicidade municipal, transforma-se em estátua instalada no centro da cidade. Importante notar que com o monumento aos ferroviários, construído na mesma época, não aconteceu o mesmo processo.

Roger Chartier (1988, p. 20) revela a possibilidade de a representação ser “instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma ‘imagem’ capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é”. Assim, a aparência estaria substituindo o real, e, em seu lugar, instituindo o “real da aparência”. Tal enlace teórico se encaixa no trabalho proposto, sobre a representação gauchesca em Passo Fundo, onde o real está baseado na experiência simbólica e no imaginário, não em raízes histórico-antropológicas locais.

Para estudar e teorizar o fenômeno identitário em uma municipalidade há muito pouco escrito, pois a maioria das pesquisas se debruça em abordagens nacionais e regionais ou, antropologicamente, abordam micro-comunidades, baseadas em dimensões de bairros e vilas. O âmbito municipal, portanto é muito pouco estudado. Assim, consideram-se as lógicas contemporâneas de identificação nacionais e regionais, mas se aproximando de uma teorização acerca do local limitado por uma municipalidade.

A premissa inicial foi diferenciar a identidade municipal da regional, nacional ou comunitária. A cidade é pequena em relação ao estado e ao país, por isso serve de referencial mais próximo para a identidade, em tempos de globalização (CASTELLS, 1999, p. 80). Mas possui um governo, o que propicia o acontecimento de práticas características de estado-nação. Sua identidade territorial está na base do governo local, como ator importante em termos de representação, por estar mais bem posicionado para se ajustar às incessantes variações dos fluxos globais. Há uma “reinvenção da cidade-estado, uma característica proeminente dessa nova era de globalização” (Ibid., p. 421).

Assim, define-se “Passo Fundo” como imaginário local construído a partir de um território e de uma população, em seus processos culturais, sujeitos ao poder político



municipal e à mídia. Como imaginário, utilizo o conceito de Miguel Rojas Mix (2006, p. 18). Para o historiador chileno, o termo imaginário alude “*a un mundo, una cultura y una inteligencia visual que se presentan como un conjunto de iconos físicos o virtuales, se difunden a través de una diversidad de medios e interactúan con las representaciones mentales*”³. De acordo com seu método, a imagem é considerada desde o ângulo da produção de sentido, da significação, deixando de lado a beleza e a qualificação estética. Assim, entende-se por imaginário o encadeamento de imagens com vínculo temático ou problemático, recebidas através de diversos meios audiovisuais, que o indivíduo interioriza como referente ou o estudioso reconhece como conjunto. No caso deste trabalho, atem-se a fundo ao reconhecimento do conjunto.

Teixeirinha é emblemático na construção identitária. Está nele, de certa forma, o processo desse imaginário. Sem raízes campeiras, tratorista de obras públicas e dono de banca de tiro-ao-alvo, ao utilizar o espaço de uma emissora de rádio, ele se fez representante da cultura gauchesca, ou seja, se fez como ente artístico e personagem abstrato. O mesmo processo foi reforçado na filmagem do longa-metragem *Gaúcho de Passo Fundo*.

A música *Gaúcho de Passo Fundo* foi oficializada como símbolo do município, de acordo com a Lei nº 3.892, de 12 de abril de 2002. O Artigo 3º afirma que a música símbolo do município poderia ser executada em cerimônias oficiais, receberia divulgação do poder público e sua propagação seria estimulada, para que fosse permanentemente utilizada na fixação da imagem e propagação da cultura e das tradições de Passo Fundo.

É relevante destacar que em nenhum momento as autoridades locais se preocupam com o conteúdo do “hino”, com a imagem anticivilizatória do “tipo” passo-fundense afirmado pelo refrão: “Mas se alguém me pisar no pala/ Meu revólver fala/ E o bochincho tá feito”. Os versos propagam um gentílico sem mediação e um modelo das relações violentas.

A imagem de Vitor Mateus Teixeira ilustra boa parte dos anúncios publicitários referentes a Passo Fundo, como se constatou na análise midiática das comemorações dos 150 anos do município. O monumento ao ferroviário, construído pelo mesmo escultor Paulo Siqueira, ao mesmo tempo em que o do cantor, não é celebrado e utilizado da mesma forma, sendo coadjuvante e até inexistente no imaginário cultural da cidade.

O contexto histórico-cultural em que se dá este fenômeno de dominação do imaginário

3 A um mundo, uma cultura e uma inteligência visual que se apresentam como um conjunto de ícones físicos ou



tem dois pontos relevantes a serem considerados como contribuintes. O processo de divisão territorial, com emancipação de municípios no Rio Grande do Sul a partir de 1988, que obrigou governantes a repensar as cidades, com suas novas dimensões e recortes de populações, ao mesmo tempo em que o mundo se “abria” com a globalização e “invadia” o cotidiano das pessoas através da tecnologia, principalmente de comunicação.

No final da década de 1980, com a redemocratização da política brasileira, após longo período de ditadura militar, houve uma redefinição do papel institucional dos diversos níveis de poder, o que inclui o dos municípios. A promulgação da Constituição Federal de 1988 atribuiu aos estados a competência de legislar sobre as emancipações, concedendo maior autonomia local. Analisando esse evento, pesquisadoras da Universidade de Passo Fundo concluíram que “foi com esta legislação que se consolidou a descentralização fiscal assegurando transferências fiscais aos municípios, estimulando o processo emancipacionista” (FIOREZE; BITENCOURT; JORGE, 2007, p. 114).

O Rio Grande do Sul foi o estado brasileiro que teve maior número de emancipações. Entre 1988 e 2000, foram criados 253 novos municípios. A dinâmica sofrida pelo território passo-fundense foi radical. A partir de 1950, com a introdução da cultura da soja no campo, o êxodo rural se acentuou. É nesse período que ocorreu uma primeira fase de formação de novos municípios no Estado em um ritmo acelerado, para uma posterior estagnação do processo durante o militarismo. Passo Fundo teve seu território inalterado durante 23 anos, até que em 1992 ocorreram as últimas emancipações, supracitadas.

Neste contexto, a questão da identidade local foi reposta. Com a redução da arrecadação advinda da agricultura, Passo Fundo obrigou-se a se voltar a suas outras vocações, como o comércio e os serviços. Neste processo de enfraquecimento político-econômico, a questão cultural ficou latente, como demonstra o fenômeno dos novos eventos gauchescos. O surgimento da Mostra da Cultura Gaúcha e do Festival Internacional de Folclore coincidem com este enxugamento territorial, ao mesmo tempo em que o poder público começou a destinar verbas a suas promoções, em uma dinâmica de fortalecimento da identidade gauchesca introduzida e recriada como local.

Mesmo que esta vida rural, que ia ficando para trás no dia-a-dia do município, estivesse ligada de fato à agricultura de grãos e a pequenas propriedades instaladas por

virtuais, se difundem através de uma diversidade de meios e interagem com as representações mentais.



imigrantes europeus, o ícone representativo tomado para se referir a ela foi o gauchesco. O movimento de busca das raízes acabou utilizando um arquétipo que estava pronto, à revelia dele representar a estância de criação de gado do sul do estado. O filme *Gaúcho de Passo Fundo* foi um marco cultural de grandes proporções simbólicas, que passou a pautar o discurso dos produtores culturais e da mídia nas décadas seguintes. Mesmo que inspirado no pistoleiro norte-americano, o longa-metragem buscou legitimar o discurso tradicionalista.

Passo Fundo associou sua representação cultural a uma identidade dominante no Estado, propagada pela mídia no movimento Nativista, descrito por Nilda Jacks (2003). Transplantado do território de origem, a Campanha, o gauchismo foi legitimado por Teixeira e por agentes públicos no Planalto Médio. Referindo-se a este processo, Tau Golin concluiu que “depois de meio século de organicidade tradicionalista, o movimento, como expressão hegemônica, já inoculou, irremediavelmente, na identidade sulina um *ethos* imaginário estancieiro e conservador” (2004, p. 16).

Referências Bibliográficas

- ÁGUA DA FONTE. Revista da Academia Passo-Fundense de Letras. Passo Fundo, n. 3, jul. 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. Vol II. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural**. Entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DIÁRIO DA MANHÃ. Passo Fundo, 7/8/1957.
- FIGEZE, Zélia Guareschi; BITTENCOURT, Luciane Rodrigues; JORGE, Márcia da Silva. Passo Fundo: 150 anos e a dinâmica do território. In: BATISTELLA, Alessandro (org.). **Passo Fundo: sua história**. Passo Fundo: Méritos, 2007. pp. 111-133.
- GARCIA CANCLINI, Nestor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 3 ed. São Paulo: USP, 2000.
- GOLIN, Tau. **Identidades**. Questões sobre as representações socioculturais no gauchismo. Passo Fundo: Clio/ Méritos, 2004.
- HOBBSAWM, Eric. **Tempos fraturados**. Cultura e sociedade no século XX. Tradução: Berilo Vargas. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.



- HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- INDICAÇÃO Nº 18/78. Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo. Apela à Teixeira Produções, auxílio as entidades assistenciais de Passo Fundo. Processo nº 40/78, de 28.03.1978.
- JACKS, Nilda. **Mídia Nativa**. Indústria cultural e cultura regional. 3.ed. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- LOPES, Israel. Teixeira. **O gaúcho coração do Rio Grande**. Porto Alegre: EST, 2007.
- MIX, Miguel Rojas. **El imaginario**. Civilización y cultura del siglo XXI. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006.
- NASCIMENTO, Welci. Personagens da nossa História. Teixeira. **Água da Fonte**. Passo Fundo, nº3, jul. 2005, p. 55.
- OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo**. A diversidade cultural no Brasil-Nação. Petrópolis: Vozes, 2006.
- O NACIONAL. Gaúcho... Suplemento especial. Passo Fundo, 20 set. 2006, p. 04.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE PASSO FUNDO. Parabéns povo passo-fundense, o povo mais gaúcho do Rio Grande do Sul. In: O Nacional, 20 de setembro de 2006, p.08.
- PROJETO DE LEI Nº 023/97. Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo. Oficializa o Festival Internacional de Folclore de Passo Fundo. Processo nº 076/97, de 06.03.1997.
- PROJETO DE LEI Nº 03/78. Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo. Autoriza o Executivo Municipal a abrir crédito especial no valor de Cr\$ 250.000,00, para subvenção a favor de Teixeira Produções Artísticas Ltda. Processo nº 16/78, de 07.03.1978.
- PROJETO DE LEI Nº 049/90. Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo. Autoriza o poder executivo municipal a abrir crédito especial no valor de Cr\$ 1.000.000,00 (um milhão de cruzeiros), no corrente exercício, para construção do monumento ao Teixeira e conclusão do Monumento ao Ferroviário. Processo nº 135/90 de 29.06.90.
- PROJETO DE LEI Nº 084/88. Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo. Autoriza a construção de monumento ao artista Vitor Mateus Teixeira – “Teixeirinha”, no trevo que dá acesso a Soledade, Carazinho e Perimetral Sul. Processo nº 324/88, de 15.12.88.
- PROJETO DE LEI Nº 112/97. Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo. Oficializa a Mostra da Cultura Gaúcha e dá outras providências. Processo nº 455/97 de 11.09.1997.
- PROJETO DE LEI Nº 57/80. Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo. Oficializa o projeto turístico “Passo Fundo, Tchê! A mais gaúcha cidade do Rio Grande do Sul”. Processo nº 260/80 de 04.11.1980.
- RIBAS, J. V. **A representação cultural gauchesca do município de Passo Fundo**. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo. 2008. Disponível em: <secure.upf.br/pdf/2007JoaoVicenteRibas.pdf>. Acesso em 02 jul. 2013.
- ROSSINI, Miriam de Souza. **Teixeirinha e o Cinema Gaúcho**. Porto Alegre: FUMPROARTE, 1996.
- SANDER, Roberto; TEDESCO, João Carlos. **Madeiros, comerciantes e granjeiros: lógicas e contradições no processo de desenvolvimento socioeconômico de Passo Fundo (1900-1960)**. Passo Fundo: UPF, 2002.



TEIXEIRINHA; DIAS. **O Gaúcho de Passo Fundo.** [Filme]. Produção de Teixeira
Produções, direção de Pereira Dias. Passo Fundo, 1978. Disponível em:
<www.youtube.com/watch?v=JeE2gFwDCSU> Acesso em: 02 jul. 2013.

Recebido em Julho de 2013.
Aprovado em Agosto de 2013.